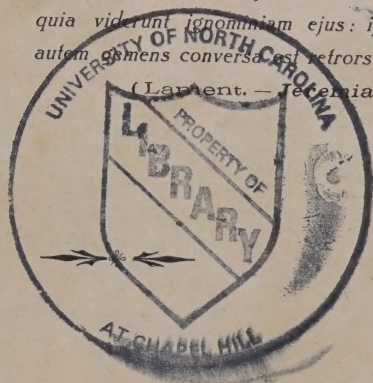
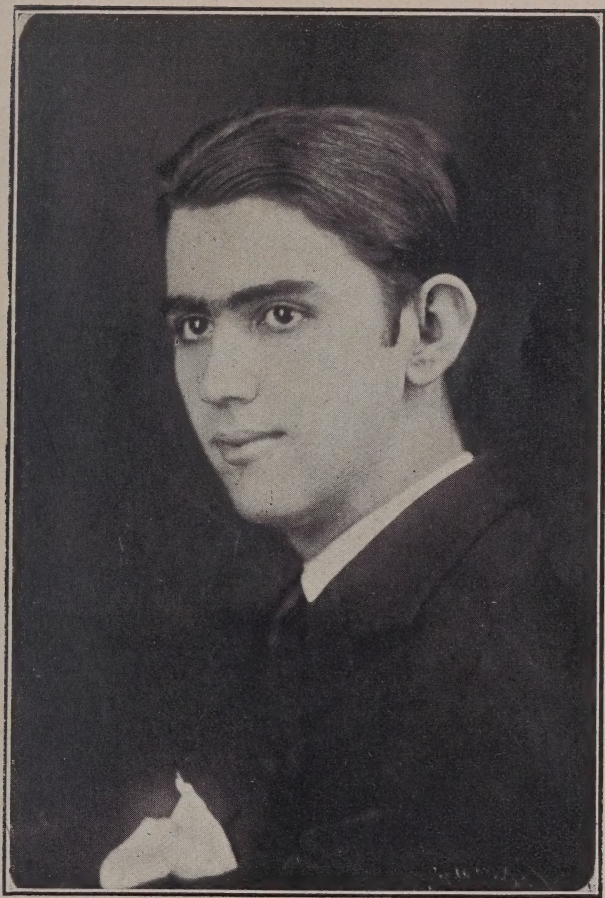
Joaquim Thomaz Paiva

JERUSALÉM

Peccata peccavit Jerusalém, et propter ea instabilis facta est; omnes qui glorificabant eam spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus: ipsa autem gemens conversa est retrorsum.
(Lament. — Jeremias)

RIO DE JANEIRO
1926

Joaquim Thomaz Paiva

A Murillo Araujo,
o encantado fakir
da "Cidade de Ouro"
offerece quem contempla
o esplendor dessa cidade
encantada.

Rio 8/2/1927

A Luis Carlos — o acalentador de minha musa. Espirito que se banha nas aguas puras das fontes lyricas. O cavalleiro de olhos voltados para o sonho. Amigo cujo coração é uma lyra sempre desfeita em doces e ternos accordes. Alma que se veste de arminhos e faz uma lanterna da primeira estrella que encontra e sabe a pastorear as grandes manadas de astros que enchem as campinas do céo. Poeta dos mais subtis e commoventes. Evangelista que prega tanto como São Lucas nas Bemaventuranças, nas quatorze linhas do "Resignação"; aqui fica.

A minha obscura homenagem.

Praça da Republica, 26.

A Victoria Apollonia de Paiva Reis e Sebastião Theotonio de Paiva.

Meus paes

A José, Antonio e Jandyra — meus irmãos.

A ti que foste o templo augusto
De minha Jerusalém todos
Os ramos de minha Dominica
Palmarum e Hosannas.

Qui mihi errores ostendit,
Et ne minimos quidam ascondit
Mihi veré amicus est,
Quam vis parum talis esse videntur.

Qui me blanditiis collaudat
Semper que mihi deligens, haud
Unquam increpat, inimicus mihi
Est, quam vis amicus quoque videri quest.

O amigo que me diz os erros, que
Nem os mais leves me occulta é
Meu verdadeiro amigo ainda que
Pouco o pareça.

Aquelle, que lisongeando me louva
Sempre me ama, em nada me reprehende
E' meu verdadeiro inimigo ainda
Que tambem pareça amigo.

Proverbio

"Ai de mim, se de lagrimas inuteis
Estes versos banhasse, ambicionando
Das nescias turbas os applausos futeis!"

O. B.

Livro — de oito mil e trinta dias de soffrimento chorado sobre as ruinas de mim mesmo.

"Foi tanto o pranto que chorei
Que meus olhos ficaram amortecidos
E as minhas visceras se conturbaram''.

Jeremias.

A mulher que deixa mais saudades é sempre aquella que nunca se possuiu...

"Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias;

E em torno os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos..."

R. C.

ROSEIRA DE MAIO

Roseira aberta de Maio
Meu livro, certo, seria;
Se tua mão de alabastro
Passasse por elle um dia...

Mas, como nunca has de vir,
Com tuas mãos milagrosas,
As minhas paginas frias
Não terão, de Maio, as rosas...

Terão do inverno o castigo
Fustigador dos caminhos;
Em vez de muitas roseiras,
Muitas latadas de espinhos...

Serão como folhas mortas,
Amarelladas no tronco,
Que cahem esmaecidas,
Do vento, ao maldito ronco...

Folhas de minha Illusão,
— Fronde que cresceu um dia,
A' beira da sepultura
De minh'alma tão vasia...

Depois, beijada pelo astro
Embrazador dos caminhos,
Torrou-se; arqueou-se despida
De flôres e passarinhos...

Promettia muitas rosas,
Mas só deu urzes e abrolhos,
Refrigera as suas plantas
Com as aguas de teus olhos...

O unico fructo é o livro,
Feito em noite tormentosa,
Talvez que com teu affago
Terá, de Maio, uma rosa...

Assim me dou por bem pago,
Se, depois de pleno estio,
A tua mão de alabastro
Guardar meu livro do frio...

Dou-me tambem por bem pago,
Se tua mão de seda e rosa,
Pousar sobre este meu livro
Como uma folha cheirosa

De murta; ou qualquer arbusto
Perdido pelo caminho...
Só quero ter uma rosa
No meio de tanto espinho...

Porque sempre foi a rosa
Uma illusão para quem
Entrou chagado de espinhos
Em sua Jerusalém...

Dá tu com tua brandura,
Com teu suave desmaio,
A uma das folhas mortas,
— A rosa do mez de Maio...

Uma só; tanto me basta,
Pelo maior dos hosannas,
Porquanto o resto é perfidia,
Das trêdas boccas humanas...

Não quero sinão a palma
E teus hosannas á entrada
De minha Jerusalém...
— Cidade tão desprezada !

Desprezo o incenso maldito
Da gente dahi da rua;
Porém, quero ter ao menos
Alguma palavra tua...

Tendo esta, do mais declino...
Peço que vejas tambem
Tanta pedra lá no fundo
De minha Jerusalém...

Aqui hosannas; mais tarde
Terei crucificação;
Se o corpo morrer pregado,
Fica tu com o coração...

Este é teu; attenta, escuta,
Elle é uma rosa tambem,
Que já entrou desfolhada,
Em minha Jerusalém...

Pousa tua mão sobre o livro
Com um suave desmaio
Que delle cresça, viçosa,
Uma roseira de Maio...

PROFISSÃO :

Quero viver na penumbra,
Como as aguas da torrente,
Que são tanto mais cantantes
Quanto mais longe da gente.

A...

Por tua natureza,
Extranha creatura,
Eu bebo a agua pura,
Da fonte da pureza...

Teus olhos ó Princeza
De grande formosura,
Tão cheios de doçura,
Tão cheios de tristeza...

Bem sei que és tú divina,
Assim m'o diz teu rosto;
No qual ha Deus bem posto
— Belleza peregrina...

Do teu corpo — o contorno,
Tem arte e tanta graça,
Que é tal como a fumaça
De um vaso ainda morno...

Não te percebo os passos
E as formas vaporosas...
E tens bouquets de rosas,
Nas amphoras dos braços...

Não calcam sobre espinhos
Teus brancos pés macios...
São puros e doentios
Da neve dos caminhos.

Porque passeias tanto
Lá no celeste abrigo ?
Desejo só commigo
O embalo do teu canto...

E's pallida e bondosa
Vergontea dos barrancos;
Teus braços são tão brancos
Princeza Dolorosa...

Nas horas de abandono
Quando eu, curvado, penso,
Teu nome é como incenso
Lithurgico de Outomno...

Bem vês que cuido tanto
Do teu viver ameno;
Oh! gotta de sereno
Rolada de meu pranto.

A' MINHA MÃE

Lacerado da dôr dos desenganos,
Cego da luz maldita da jornada,
Volto, hoje, (depois de tantos annos,)
Para os teus braços, santa idolatrada !...

Percorri muitas terras e oceanos,
Procurando a alegria desejada;
Sondei dentro dos olhos dos humanos,
A minha eterna noite socegada...

Mâres bravios, terras moribundas,
Pestes, desolações atras e fundas,
Feriram-me com tragicos abrolhos;

Só aqui nos teus braços, doce abrigo,
Eu poderei dormir sem mais perigo,
Sob a luz protectora de teus olhos...

MENDIGO

AO SENADOR ANTONIO FRANCISCO
DE AZEREDO

Fui rico. Meus castellos encantados,
Abertas portas tinham noite e dia;
As salas de oiro — mão escrava enchia
Com a essencia dos oleos perfumados...

Cheias de luz e pares convidados,
Custoso fausto, nellas, explendia;
Dentre os convivas todos não havia,
Quem não fosse senhor de meus criados...

Eis que um dia, porém, mão venenosa,
Apagou por capricho, venturosa,
O luxo e a luz das salas decoradas;

E fiquei na miseria tão sósinho,
Que vim tornar-me aqui neste caminho,
Mendigante de escarneos e pedradas...

ASPIRAÇÃO

Quem vae, como eu, pela existencia inteira,
Cheio de chagas, de lesões coberto;
Quem tem o olhar nos longes do deserto
Extenuado de febre e de canseira...

Quem tem esta Paixão de Sexta-Feira
Santa, no peito; e, marcha quasi certo
De encontrar um abysmo sempre aberto,
Para a alma chagada e forasteira...

Quem vae, de tenda em tenda peregrino,
E encosta a fronte em pedra e o dorso todo
Estende sobre a terra que o gerou,

Seja maldito até achar destino,
Até que deixe este maldito lôdo
Do Mundo, que a innocencia lhe tirou...

CONTEMPLAÇÃO

AO SR. AUGUSTO BRUSATI

Homem! Sê a palmeira do deserto
Exposta ao sol dos areaes, medonho;
Sonha comtigo mesmo no teu sonho,
Como se elle te fosse um céo aberto...

Vê na palmeira o teu perfil tristonho,
Homem eterno gladiador liberto!
Se o sol da dôr já te bronzeia, perto
Ha de vir outro sol, amplo e risonho...

Vê que, nascida nas areias quentes,
A palmeira sem sombra alteia o busto
Contra o céo, contra a sêde e contra o vento;

Bebe tambem nas lagrimas ardentes
Todo o teu céo que conseguiste a custo
De muito esforço e muito soffrimento !

EXHORTAÇÃO

Meu coração, sê casto, pensa menos
Nos prazeres e luxos exteriores...
Sê como as plantas bôas que dão flôres
Cobertas pelos ares mais serenos...

Por este mundo de miseria e dôres
Vê quantos corações não vivem plenos
Das mais impuras taças de venenos...
Sê cauteloso, pois, nos teus lavôres!

Sê como o astro que, no céo irado,
Embora empallecido pelo fumo,
Tem tanta luz ainda nas entranhas

Que, das trevas, havendo triumphado,
Apparece seguindo o mesmo rumo,
Com seu manto de luz sobre as montanhas...

PEZADELLO

A minha noite é sempre negra e fria,
Sem um risco de luz no firmamento;
Soluço; e, no meu chôro a voz do vento
Chóra commigo, tetrica e bravia...

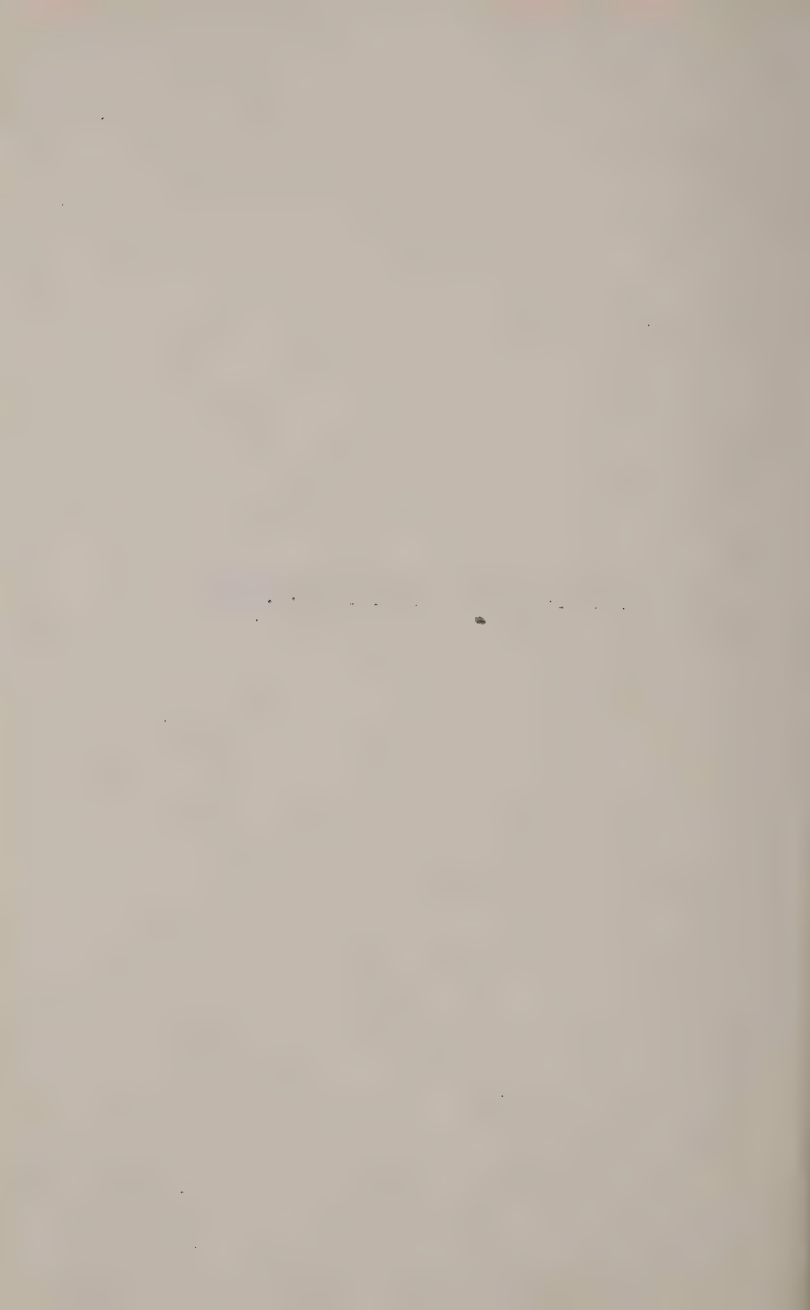
Mais longo de que os outros é meu dia,
No entanto não se esváe meu soffrimento,
Meu olhar embacia-se, nevoento,
Na negrura da noite erma e vasia...

Rilho meus dentes, torço o tronco bruto,
Lacerado de dôr bracejo e grito
Como galho que tem maldito fructo;

Mesmo assim nesta noite atra e medonha,
Minh'alma arqueja presa do Infinito,
Meu coração, aqui, na terra, sonha...

◎

FATAL DECLIVE...

A LUIZ JOSE' ALVARES RUBIÃO

De alta montanha entre espinhaes erguida,
Meu pobre coração vinha rolando;
E por onde passava inda sangrando,
Deixava eterna mancha de ferida...

Minh'alma tambem vinha soluçando,
A seu lado na tragica descida.
Chegava exhausta e vinha consumida
Das quedas que levára e vinha dando...

Eis que em chegando já ao chão maldito,
Cheio de lanhos dos brutaes rochedos,
Meu coração dormio sem ai, nem grito;

Minh'alma não; essa, já, rebellada,
Arqueia as mãos e crava os longos dedos
Na fronte que é de si já tão cavada...

◎

AFFLICÇÃO

AO DR. ALCIDES BEZERRA

Tenho, de novo, os hombros lacerados,
Os olhos, já sem luz, cegos e afflictos,
Uivo de dôr nos vendavaes malditos
Com os dois braços, de fogo, incendiados...

Tenho nas mãos, dois mundos concentrados,
Dois desertos sem fim... dois infinitos,
Uivando dentro em mim cheias de gritos
Todas as gerações dos desgraçados!

Tenho da escuridão da noite fria
Todo o supplicio; arquejo alto e medonho
Na mesma voz cruel da ventania...

Vejo o que sou; sinto o que fui, Senhor!
Teu sonho ainda anda no meu sonho,
Anda na minha dôr tua propria dôr!...

SONHO

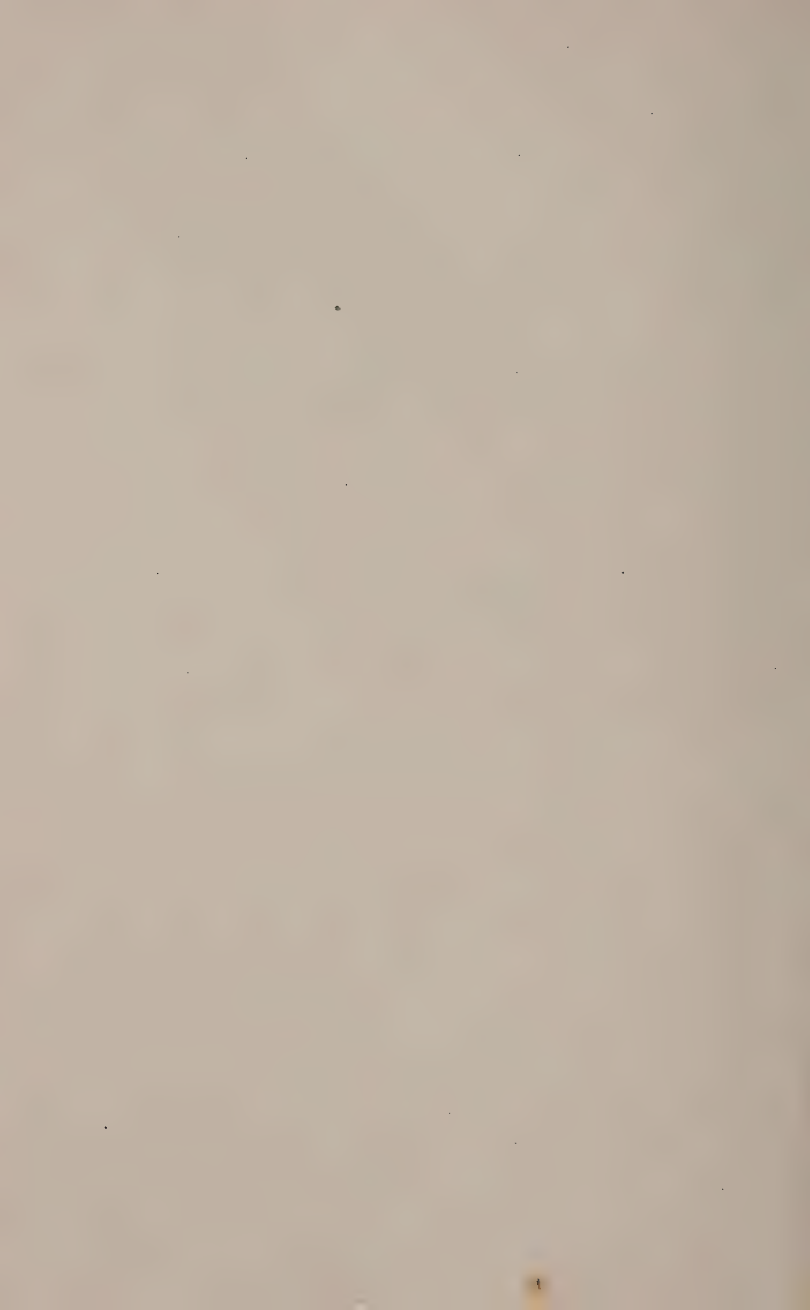
A DOMINGOS RIBEIRO DE REZENDE

Sonho! Meu companheiro, meu alento,
Agua que a sede ardente me sacia;
Meu pão espiritual, minha alegria,
Meu espasmo de luz e encantamento!...

A's vezes, por estradas, ao relento,
Na voragem da Noite erma e vasia,
Caminho em tua doce companhia,
Longe do mundo, junto ao firmamento...

Olhando estrellas, vendo o grande centro
Fecundado de luzes pelos astros,
Vou tacteando, Paraiso a dentro...

Quando, porém, accordo, eis-me sosinho
E a ansia me cresce vendo que, de rastros,
Tenho que retomar o meu caminho...

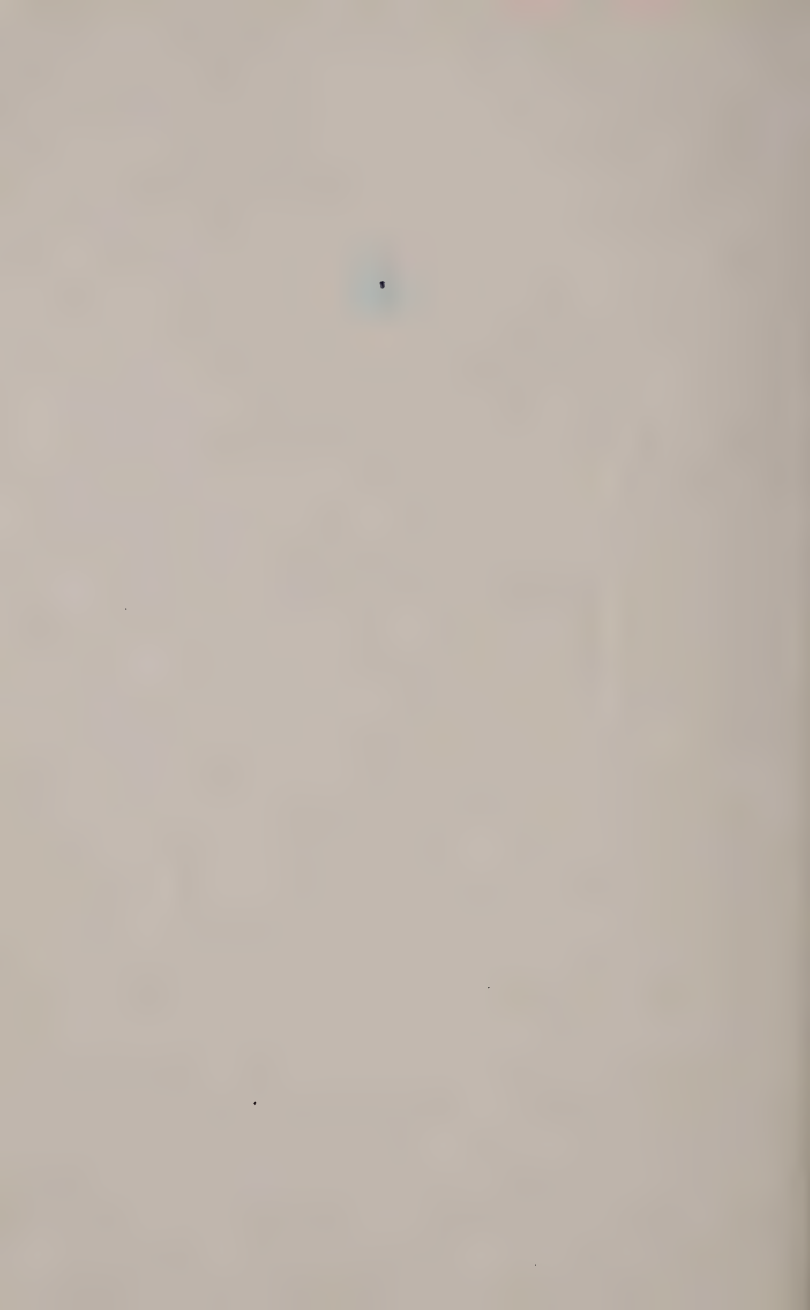
MALDITO...

Negras noites tem tido nesta vida
Quem tal como eu vive desesperado,
Com o craneo em fogo e com o olhar parado
Em uma região desconhecida...

Quem tal como eu vive desamparado,
Com a vista sem luz e mais perdida,
Dentro da furia louca e desabrida,
Do destino mais negro e carregado...

Quem viuvo de todos os carinhos
Marcha debaixo de maldito vento,
Que augmenta a sêde, e as horas de desgraça;

Quem vive com o olhar cheio de espinhos,
E tem febre, e tem sêde, e soffrimento
Como ninguem mais teve em sua raça...

CANTO DE FIM DE TARDE...

AO DR. NERY MACHADO

Um velho de 80 annos

— Oitenta annos de luta,
Oitenta annos de pó,
Tem quem viveu com frio
E só...

Um de 70 :

— Setenta annos de neve,
Setenta annos de dôr,
Viveu quem nunca na vida,
Achou amôr...

Um de 60 :

— Sessenta annos gelaram
Meus cabellos. Quantos annos
Vivi num mundo de dôres
E desenganos!...

Um de 50 :

— Cincoenta annos vividos
Sem um raio de alegria;
A minha noite é trevosa
E fria...

Um de meia idade :

Já vou chegando á velhice
Chagado de muito espinho;
Vê quantas dôres não ficam
No meu caminho...

Outro :

Trinta janeiros perversos
Envelheceram-me o rosto;
Tenho nos olhos a bruma
Do mez de agosto...

Eu :

— Repito, como o de oitenta:
— A vida é cheia de pó,
Para quem vive com frio,
E só...

SOLAR DE UM DIA SO'

Meu coração é um solar
Escuro, antigo e vasio,
Que dorme exposto ao luar
Frio...

Ha muito tempo que existe
Nelle este ar desolado...
Só eu sei porque elle é triste
E assim calado...

Nelle um dia vi morar
D. Ventura — formosa,
De fallas como o luar,
E mãos de rosa...

D. Amôr vendo-a á janella
Do medievo solar
Achou-a tão meiga e bella
Que, della, quiz se apossar...

Subiu a sacada de heras,
E Cavalleiro atrevido,
Beijou-lhe o braço florido
De primaveras...

D. Ventura — Duqueza
Da mais fidalga linhagem —
Achou extranha belleza
No joven pagem...

Desceram ambos a escada,
Forrada de pedrarias,
E foram-se pela estrada...
Sob as estrêllas frias.

Até hoje ainda ignoro
O destino que levou
D. Ventura, que chóro
E não voltou...

Porisso como um solar,
Escuro, antigo e vasio,
Meu coração, ao luar,
Dorme frio...

ASCENÇÃO

A MEU IRMÃO JOSE' PAULINO
DE PAIVA

Vôa; procura no ether,
Melhor essencia, mais pura.
Longe do mundo respira,
— Creatura...

Deixa as gangrenas da Terra
E vôa pelos espaços...
Procura apoio mais firme,
— Para os braços...

Foge ao charco pestilento,
Negro, ferino, medonho,
E faze do antigo sonho,
— Novo sonho...

Aqui, na Terra, a miseria,
Campeia de bocca em bocca,
Cheia de pus e gangrenas,
— Louca!

Olha depois que te fores,
Ao alto, (bello destino!)
O Mundo sob teus pés...
— Pequenino...

◎

BEDUINO

AO DR. JOÃO BAPTISTA DE MELLO
E SOUZA

Nasci fadado para os máos caminhos,
Para o supplicio eterno dos malditos;
No deserto soltei, em vão, meus gritos,
E tombei no areal sem teus carinhos!...

Adiante me aguardavam máos espinhos
Em numero maior que os infinitos
Cadaveres de passaros afflictos
Que nos ermos tentaram fazer ninhos!...

Sequioso caminhei largos espaços,
Vendo escorrer o sangue de meus braços,
Como asperge pagão sobre as areias;

Tão cansado fiquei, tombando exangue,
Que pude ver as convulsões do sangue
Ainda quente a me cahir das veias...

SENHORA

A' triste luz de vosso olhar gelado
Eis-me curvado junto ao vosso throno;
Cheguei cansado... bebado de somno...
Estou sem força, estou desamparado..

Daqui parti sob um luar de Outomno,
E fui por longes terras, encantado,
Perseguindo a miragem do El-Dorado,
Que a muitos já tem posto no abandono.

Vim titubeando pela estrada fóra,
Tendo no peito esta ansia tormentosa,
De vos achar, ó singular Senhora !

E como a outros haveis remediado
Dae-me os restos dessa agua milagrosa
Que sae da fonte desse olhar gelado.

◎

VOLTA

Has de chegar cansada á minha porta
Gelido — o peito; o coração ansioso;
Has de chegar meu anjo desditoso
Com o olhar gelado e a alma quasi morta :

Has de chegar inerme... Não me importa
Achar-te triste, o rosto lamentoso...
Has de chegar num dia inda brumoso
Com o soffrimento que te desconforta...

Rôto o vestido... rôto o manto escuro,
Has de chegar ainda, eu t'o asseguro,
A' minha porta, em noite muito fria...

Has de ter meu conforto... e teu conforto
Has de emprestar ao coração que, morto,
Viveu emquanto o teu amôr vivia...

◎

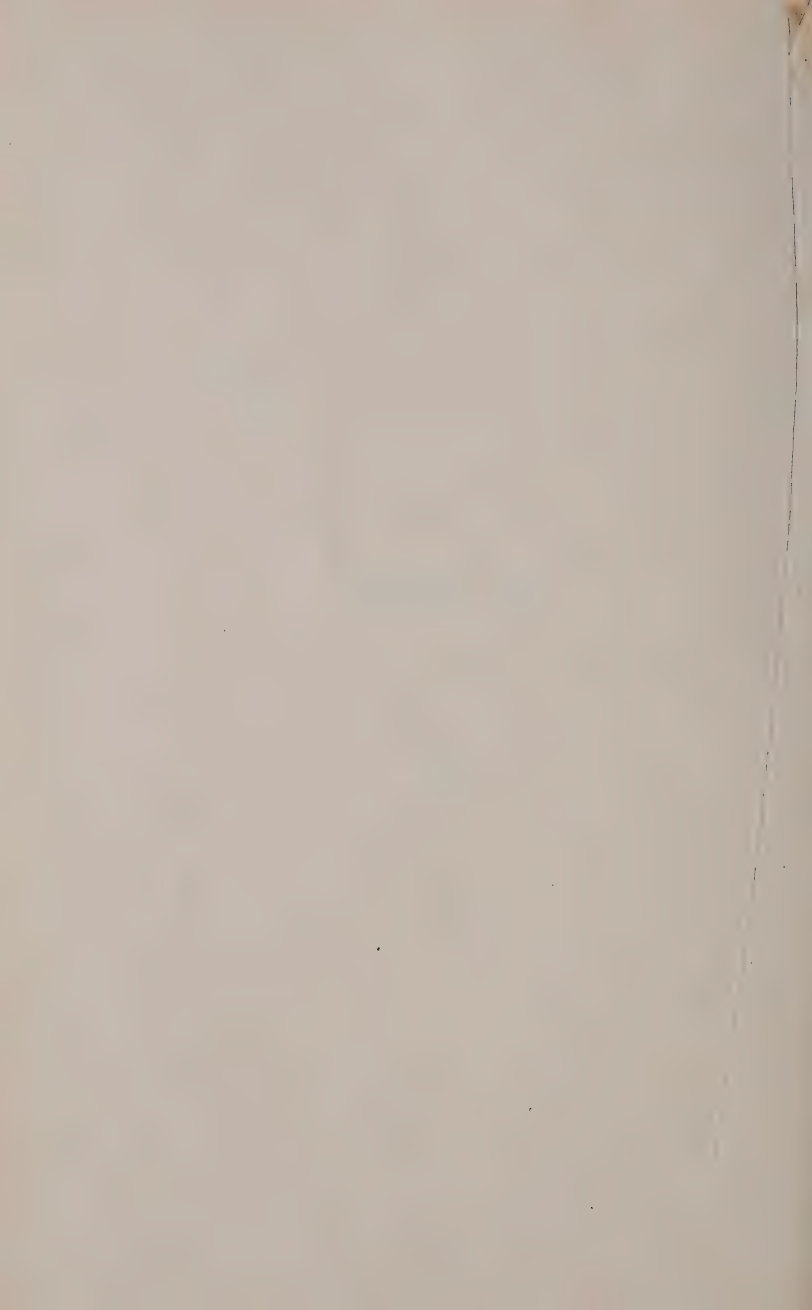
DIVINA

Si certo fosse que existir pudesse
Alma mais terna e cheia de candura
Do que tu'alma, tão formosa e pura,
Antes Deus, que é tão bom, não te fizesse...

Porquanto és d'Elle a promissôra mésse
De grandeza, de amôr e formosura...
E' sei tambem, divina creatura
Que lá no céo ninguem te desconhece...

Essa frieza monacal que existe,
Em teu semblante pequenino e triste,
Como rictus de tedio e de desgosto,

Mostra que em tudo estás divinisada —:
Por essa dôr que vive enclausurada
No fundo olhar que te illumina o rosto.

◎

Maldição peze sempre, noite e dia,
Sobre teus hombros de mulher maldita!
Maldição cada vez mais infinita
Seja ainda a que hoje te crucia!

Satisfaço-me assim em vêr-te afflicta,
Como afflicto outras eras me fazia
Teu olhar de pestosa hypocrisia...
Maldição! Maldição, mulher proscripta!

Maldição — seja tua sombra errante,
Teu pão, teu ôdre... Sempre caminhante
Passes por gerações e gerações !

Porém, ascosa e ainda repetindo
A maldição que te leguei sorrindo
Como a maior das minhas maldições...

◎

DESEJOS

Possuir-te seria tudo
Quanto minh'alma deseja;
Que divino sonho vêr-te
Toda de branco na igreja...

Eu, preso nesses teus braços,
E, tu, nos meus braços presa;
Seria um dia de sol
De esplendorosa belleza...

Só não desejo lembrar-me
De quando te conheci;
Bem sei do quanto soffreste,
Bem sabes quanto soffri...

Vestias luto... Eras pura
Como uma hostia sagrada...
O teu corpo era de junco
Como uma haste quebrada...

QUANDO ?

Quando este coração frio
Baterá junto do teu ?
Quando teu rosto gelado
Descançará sobre o meu ?

Quando essas mãos tão nervosas
Prenderão os dedos meus ?
Quando meus labios gelados
Se encontrarão com os teus ?

Quando a luz pallida e doce
Que mora nos olhos teus
Virá dar fim á tristeza
Que vive nos olhos meus ?

Não sei mais quando os meus braços
Prenderão os braços teus;
E, unidas as nossas boccas
Quantos beijos queres meus ?

De tanto pranto, ceguei-me,
Vivo sem luz e tacteio...
Ah! se eu pudesse dormir,
— Em teu seio...

A sêde que me devora,
Minh'alma de peregrino,
Parece a sêde de quem
— Não tem destino...

Porisso vou caminhando,
Por este caminho escuro,
Vendo se te encontro o rastro
— Que procuro...

Ha quantos annos te sigo,
Sem ventura de encontrar-te;
Onde te encontras, divina,
— Em que parte ?

A LENDA DA PRINCEZA...

Houve um dia uma princeza,
Com olhos da côr do mar,
De mãos finas como a renda
Do luar...

Tinha na bocca um sorriso,
E tal doçura no olhar,
— O sorriso um céo aberto,
Inundado de luar...

Doce olhar de luz tão triste
Fazia a gente chorar...
Era brando como o cirio
Do luar...

E, a princeza certo dia
Poz os olhos a sonhar...
Vi-a muito branca e fria
Como o luar

DE NOVO...

Olha bem para mim... Olha sem mêdo,
Como nos doces tempos decorridos,
Olhavas para os olhos meus pungidos,
Como quem procurasse algum segredo...

Ha tanta festa e luz entre o arvoredo!
Mesmo nos velhos troncos resequidos,
Casaes de passaros vêm-se esquecidos,
Horas a dentro sob o céo mais lêdo...

Olha; que teu olhar, hoje, sem vida,
Entre a sala deserta, erma, esquecida,
De meu olhar já quasi embaciado;

Entre e desperte tudo novamente...
Que tudo cante triumphantemente,
Que vibre e cante como tem vibrado!...

ARVORE

Fui arvore. Espalhei fructos e flôres
Pelo chão poeirento das estradas;
Dei agasalho ás aves fatigadas,
Dei minha sombra a muitos viajôres...

Meus galhos eram galhos protectores
De famintos, das almas despresadas.
E na varanda verde das ramadas,
Quanta gente feliz fallou de amôres!...

Os annos... ah! os annos! quantos annos!
Foram só de doridos desenganos,
Sem uma flôr siquer que me enfeitasse,

Envelheci sósinho á tua espera,
Do sahir ao entrar da Primavera,
Sem que tua sombra por aqui passasse...

◎

NO AREAL

Serias tu a minha Bem-Amada
Minha estrella luzente em pleno estio;
Minha lembrança no areal sombrio,
Agua da fonte pura e socegada;

Tambem em minha noite, erma e gelada,
Abrigo contra a fome e contra o frio....
Cirio que ardesse em meu olhar vasio
Longe da escuridão atra e malvada...

Serias de meu grito — abrigo certo,
Sombra que ampara o vulto extenuado
De quem pisa as areias do deserto;

Serias fôgo e pão; oleo bemdito,
Se tu ouvisses o meu longo brado
Que enche a Terra, o Deserto e o Infinito!

◎

CONFRONTANDO...

Procura a estrella mais formosa e bella
Que está, do manto deste azul, ao fundo;
Procura-a e traze-a aqui, á luz do mundo,
Para vêr se é da côr dos olhos della...

Corre tambem ao abysmo mais profundo,
— Naquelle aonde a mais luzida estrella
Nunca tentou no anceio de escondel-a,
Pôr a sua luz como um clarão jocundo...

Corre e traze do seio amplo e medonho
Do abysmo largo, silencioso e frio,
A imagem em teus olhos, sem temel-a!

Traze; porque aqui, então, livres de sonho,
Podemos vêr sob este céo sombrio
A côr do olhar e do vestido della...

CONSOLATRIX

Como quem nunca um dia nesta vida,
Sonhou achar um guia em sua estrada,
Ou dôce mão que bemfazeja e amada
Fosse colhendo a rama resequida;

Como quem tem a vista erma e perdida
Pelos confins da terra desolada,
Tendo a bocca de fel toda sangrada
De espinhos rôxos de uma só ferida;

Como quem tem o grito em rude grito
Lançado pelo espaço ermo e infinito
Sem nunca achar uma consolação:

— Tambem assim viveu ermo e sombrio
Até que te encontrei, ó doce estio,
— Meu desolado e triste coração !

◎

TU'

Divinamente corporificada,
Embora forasteira nesta esphera,
Tens um riso de quente primavera,
E frescura de rosea madrugada...

E este teu sereno olhar de verde hera,
Pelo longo da estrada emmaranhada,
E' para mim a verdejante estrada
E agua de arroio bom que refrigera...

Pões na imagem do teu riso a alma aberta,
Como janella de ouro posta em meio
Da estrada mais distante e mais deserta;

A luz que de teus olhos me alumia
E' como um raio que batesse cheio
Em casa sumptuosa,. mas, vasia...

MORTA

Nos mais alvos vestidos consumida,
Violacea flôr de Sexta-Feira Santa,
No rosto uma expressão que tinha a Santa
Mãe de Christo Jesus adormecida...

Pomba doutro Paiz que numa planta
Chamada Amor, jamais achou guarida,
Adormeceu do modo que na vida
Tinha vivido, com pureza tanta...

Recheiado de flôres tinha o leito
Sereno como um valle fecundado,
As mãos em cruz a descansar no peito

Como dois alvos lirios fenecidos.
O manso olhar celeste socegado,
Os labios roxos, lividos, cahidos...

ESTRELLA

A estrella viva de meus sonhos, eras
Tu, meu amôr; que assim resplandecias:
Em tua luz vivissima vivias,
Com todo o brilho das demais espheras...

Tinha a tristura hybernica das heras
O teu olhar de lampadas doentias;
Farta de bem jamais tu te sentias
Cheia de males de antiquadas Eras...

Ardeste sempre no meu tecto brusco,
— Em tua sombra, agora inda me offusco,
Procurando-te a luz entre os abrolhos;

Vivo só te esperando. noite e dia,
Com saudades de quando escurecia,
E tua luz me adormecia os olhos...

◎

SUPPLICA

A' Laura

Vive em meu verso, assim como vivendo
Em minha eterna noite de agonia;
Tu'alma tem me feito companhia,
As mesmas dôres minhas padecendo...

Agora, que o sol de ouro vae descendo,
A tarde se me torna mais vasia;
Quero que sejas minha estrella guia,
Porque comtigo a noite irei vencendo...

Com o santo chrisma de teus olhos bentos,
Unge-me a fronte rija e castigada,
Do frio açoite de malditos ventos!

Põe, das harpas, o canto, no meu dia,
Para que esta alma durma socegada,
E os olhos durmam quando noite fria...

◎

MARAVILHOSA !

Das mais formosas que me visitaram,
Foste tu a mais bella e a mais querida;
Foste vinho do céo e pão da vida,
E tudo mais que as outras me negaram...

Depois que meus dois braços te encontraram,
Tem-me sido mais branda esta subida;
Minh'alma vive mais fortalecida
Dês que teus olhos brandos me velaram...

Dês que teus pés cruzaram meus caminhos,
De cada ramo, ha tempos resequido,
Ouvi, de novo, a musica dos ninhos...

E, de flores os galhos se enfeitaram,
E todo o chão ficou tambem florido,
Quando teus pés de neve me buscaram...

ESPLENDOROSA

Quando desceste do Celeste Assento,
Tão grande luz em teu olhar havia,
Que meus olhos se encheram de alegria
E de luzes vi cheio o firmamento...

Por todo este meu vasto isolamento
Tua luz penetrou na treva fria.
Da maldita e açulada ventania
Rumor não mais se ouviu, cego e violento.

Estendeste-me as mãos em gestos francos,
Ambas de estrellas de ouro recheiadas,
Pequeninas, subtis e luminosas...

E no reducto de teus braços brancos
Repousei longas noites encantadas
Cheias de vinhos, sob um céo de rosas...

OS VERSOS QUE EU LHE DIRIA NA PARTIDA

Não partas. Fica. Eu morrerei sosinho,
Sem ti, que és sempre o meu sagrado pão,
Sem tua luz que é o dulcissimo clarão
De sol, que banha e doura o meu caminho...

Fica. Porque só assim meu coração
Hade dormir tranquillo como um ninho
Quando o luar mais alvo de que o linho
Lava de prata a negra solidão...

Fica. Não mais te peço... fica e ausculta
Meu coração em ruinas... fica e dorme
Sobre meu peito e nelle o teu sepulta...

Fica e aperta á minha a tua bocca ardente
Para que eu sinta a sensação enorme
De amar e ser amado eternamente...

◎

Das vestiduras alvas e formosas,
Que as santas vestem tu tambem vestias,
Quando entre brancas nuvens descendias,
Acompanhada de astros e de rosas...

Quando te vi as vistas tenebrosas,
Que tenho já ha millenarios dias,
Foram-se destacando das sombrias
Trevas: — viram-te as formas graciosas...

Nos alvos braços, de rendões vestidos,
Laços de rubras rosas perfumavam
As tuas mãos nas mangas apertadas...

Tinhas nos pés, de luz tambem feridos,
Duas estrellas de prata que brilhavam
Mais que as outras, do céo, approximadas...

◎

MYSTICO

A immaculada e timida Senhora,
Que governa meus passos neste Mundo,
Tem um olhar tão negro e tão profundo
Que até ás proprias trevas apavora...

Mas duma luz extranha até me inundo
Quando ella sobre mim o olhar demora.
E sinto que um relampago de aurora
Vem-me bater do triste olhar no fundo...

E' que em seus olhos toda a luz celeste
Lampeja e se derrama clara e terna
Pelos negros vestidos que ella veste

E vem pousar-me deste olhar no fundo
Dando a entender ser ella quem governa
Meus indecisos passos neste Mundo...

◎

THAMAR

A tua mão naquella noite fria,
Quando veio de encontro á minha mão,
Estava perfumosa e tão macia,
Como folha de livro de oração...

Em teu olhar... em tua bocca eu via
Um fogo extranho minha extrema uncção;
O teu corpo de grega resplendia
Da luz de extranha esphera, redempção...

A escada de marmore que se erguia,
Como um altar de santa religião,
Junto de minha porta erma e sombria,
Ficou mais branca pelo teu clarão...

Em minh'alma que é amphora vasia
De vinho; e mesa que jamais tem pão;
Eu senti serenissima harmonia
Que era a alvorada de meu coração...

Que aquella hora de tedio e de agonia,
— Como quem vive em treva e solidão —
Acha um raio de sol de meio dia
Que andou perdido pela escuridão...

Assim me foi naquella noite fria
O raio de luar de tua mão...

Quando descias a escada, eu, de cima
Acompanhei-te a sombra pelo chão...
E até hoje não pude achar a rima
Que fosse joia para tua mão...

Portanto, verso não sei si ainda existe
Que possa com desvelo e servidão
Prestar-se á penna do poeta triste
Que tem saudade ainda de tua mão...

Que aquella noite enluarada e fria
Era folha de livro de Oração...

Folha que ainda espero vêr um dia
Acariciada pela minha mão...

OS TEUS VERSOS

Não me pediste os versos que te mando,
Pelo mesmo correio que me trouxe
A tua carta tão fagueira e doce,
Como um céo quando a noite vae chegando...

Não têm a luz que em teu olhar accesa
Vive, lampeja e arde em seu clarão;
Meus versos são meu proprio coração,
Pungidos da mais intima tristeza...

Não têm de moço galho presenteiro
O reboliço dos festivos ninhos...
Galho que dá abrigo aos passarinhos
E dá flôr e dá fructos o anno inteiro...

Meus versos não; são um mirrado arbusto
Sem folhas, sem verdôr, sem esperança;
Ai daquelle que lê e não alcança
O que nelles deixei a tanto custo...

A mais densa das noites mais escuras
São meus versos, sem luz senhora minha;
São mais negros que as azas da andorinha —,
Quando voeja tonta nas alturas...

Abriga-os com tua luz meu doce archanjo,
Nesta hora de tedio, tormentosa,
Dentro dos dois jardins de sêda e rosa
Dessas mãos que tu tens como as de um anjo...

Porque de sob a palma embranquecida,
De pequenina mão santificada,
Verei a rima, aqui, tão maltratada,
De uma estrella de prata enriquecida...

Com teus perfumes unge-me, bondosa,
Os versos já sem côr que ora te mando...
Com o teu carinho tão suave e brando
Como um céo de cortinas côr de rosa...

Não calculas das noites de invernia,
Como foi duro o açoite que me veio;
Mas porque tu habitavas no meu seio,
Não temi o furor da ventania...

A combustão do sol dos dias quentes
Innegreceu-me o rosto já tisnado...
Mas porque tua sombra ia ao meu lado
Tive, de novo, os olhos mais luzentes...

Não encontrei um astro no meu dia
Que luz maior me désse na jornada...
Assim, bastou-me vêr na dura estrada
A tua celeste e doce companhia...

Adeus! Recebe os versos que te mando
Versos que nunca mesmo me pediste...
Nasceram de minh'alma sempre triste
Como um céo quando a noite vem chegando...

RITORNO...

Voltas; e, porque voltas, novamente,
Ha muitas rosas pelos teus caminhos,
Que em horas antes foram meus espinhos,
Que tanto me rasgaram crúamente...

Despertam-se á tua volta os mesmos ninhos,
E vê que o sol é mais soberbo e quente,
Do que aquelle que em dia antecedente,
Negou-me a luz; roubou-me os teus carinhos...

Retornas, e é bem certo que na estrada,
Hoje florida como antigamente,
Vens como estrella de maior grandeza

Dar luz á minha vista embaciada;
Dar fogo e festa e dar constantemente
Toda a tua graça e luz á Natureza...

SALUTARIS — PORTA

Embebida do orvalho dos Espaços,
Com os olhos machucados da descida;
Vinhas, de longa faixa azul, vestida,
E de alvas rendas nos marmoreos braços...

Tal a candura de tua fronte erguida,
Serenamente, livre de cansaços
Desceste; e as harmonias de teus passos
Ainda ouço em minh'alma commovida...

Tinhas o brilho da primeira estrella,
Quando salta, qual gotta dagua algente,
Sobre o manto do céo ermo e sombrio;

E, tua luz era tanta que, de vêl-a,
Tenho dois astros cada qual mais quente,
Dentro do coração que era vasio...

◎

PARA TEU ALBUM...

Como matta verde e triste,
Sem canto de passarinho,
Fui eu, até que te vi
Surgindo no meu caminho...

*

Como uma palma bem verde,
Que o vento furta á ramagem,
Assim lá se foi minh'alma,
Depois de tua passagem...

*

Como um rio volumoso,
Que corre em minguado leito;
Assim conheço a saudade
Desbarrancando meu peito...

*

Tanta gente, de esperança,
Tem vivido noite e dia;
Eu de tantas esperanças
Tenho minh'alma vasia...

*

Este mar que ulula e brame,
Em sua masmorra enorme,
Repete bem os rugidos
De um coração que não dorme...

*

A mó do moinho móe,
Dia e noite sem cessar...
Meu coração móe as dôres
Sem saber quando parar...

Sepultados em sapatos,
De finos moldes chinezes,
Eu conheço dois pezinhos,
Que não tem mais que tres mezes.

*

Como calçada de rua,
Pisada por toda gente,
Minh'alma vive contente
Por ser a calçada tua...

*

Como rama resequida,
Sem esperança de flôr;
Meu coração agonisa
Sem esperança de amôr...

*

Teus pés são rosas de neve,
Vindas de berço de arminho;
Porisso por onde passas,
Ficam rosas no caminho...

*

Nessa materia de Amôr
O bom é ser-se aprendiz;
Emquanto, ao menos, se aprende,
O coração é feliz...

*

Ha tantos sóes latejando,
Nas veias do céo fecundo;
Porisso os astros encobrem,
Toda a negrura do mundo...

*

Hontem sahias da igreja,
Onde estiveste rezando.
Os santos todos á porta
Vieram te acompanhando.

POEMA DA ABJURAÇÃO

A uma mulher de luto...

Não, não voltes nunca!
Para que recordar tanta desgraça,
Tanta tristeza e tanto desespero !...
Verde era o mar... e, a terra aberta em rosas...
O céo mais lindo de que o céo da vespera,
De ramagens de prata pelo dorso
Illuminado como um templo novo!...
Lembra-te que assim mesmo me deixaste
Cansado pelo pranto cruciante,
De muita dôr e muito desespero...
Mas, ondeando em torcicollos verdes
Andava por teu corpo dia e noite
A serpe verde de Odio e da Perfidia...
Foste...
Custou-me tanto tempo acalentar
A alma vasia e os olhos meus vasios,
Na tua ausencia tão inesperada,
Que, hoje, se a alma despertar, ouvindo,
Tua voz e vendo-te os olhos torvos
Como negros abysmos insondaveis
E teus braços que já me acastellaram
Hade novo rugir cheia de pranto
Desse que a tanto custo acalentei...
E' prudente, não venhas nunca mais,
Porque sinão esta ferida antiga
Hade doer-me cada vez mais funda...
Não; não regresses mesmo nunca mais...
Sê bôa ao menos uma vez na vida
Deixa que esta alma fique adormecida,
E, não soluce mais...

JERUSALÊM

Vejo-te, emfim, cidade despresada !
Minha Jerusalém sempre opprimida !
Com que espanto te encontro destruida
E mais que destruida : — abandonada !

Vinha ansioso pela minha estrada,
Por te ver doutro modo, minha vida.
Porem, por um capricho, resumida
Minha esperança achei tão mal cuidada !

Nada almejei nas horas de caminho
Mais do que te encontrar, aqui, (Sosinho)
Cheia de luz de evolução tamanha !

Mas tudo em vão! Porquanto estás mudada
Minha Jerusalém, desventurada
Terra onde existe tanta gente estranha!

ESTIGMA

Na trompa bruta deste vento iroso,
Chega-me o echo de teu vão gemido;
Vejo-te no clarão da tempestade...
— Meu bem perdido !

Vem-me do mar este amargor profundo,
— A inquietação feroz que me baqueia...
Sinto-te em tudo, meu veneno amargo
— Meu tufão de areia...

Tenho nas veias toda a chamma rubra
Dos sóes; e, das estrellas — a tremura...
Percebo-te no fogo dos incendios
— Creatura...

Alta noite, como que num convento,
Entra-me n'alma teu clarão maldito;
Anda-me todo este deserto peito
— Infinito...

Estás em mim... vives em mim, perfeita,
Como um signal de maldição eterno...
E's lava, fogo e chamma corruscante
— De um segundo inferno...

Tens da gloria dos raios e dos fogos
O explendor flammivono; e, de Sodoma
Tens o orgulho; e, tens como Gomorrha
— O destino de Roma...

Linguas de fogo tens nos torcicollos
Do corpo, aberto de vermelhos riscos...
Tua alma é portadora de borrascas
— Vincadas de coriscos...

A alma do sol é a tua propria alma
De chammas, de rubins incendiada...
Quando despertas toda a Terra treme
— De pavor apossada...

Tens nos olhos a infrene cavalgada
Das luzes, das estrellas e dos astros...
Nada maior que tu que a tudo trazes
— De rastros...

Basta; não mais proclamo a tua gloria!
Tu que andas por mim de veia em veia...
Tu que és mais amarga de que o vento
— Empinado de areia...

ESPLENDOROSA !

Quero-te assim: esplendorosa e bella !
A coma desnastrada... o busto altivo
Como columna de sagrado templo...

Quero-te com os fios de ouro dos cabellos,
Cheia de luz diante de meus olhos,
Qual celeste visão de minha noite!...

Almejo vêr-te os olhos de esmeralda...
Duas lampas que ardem languemente
Com o azeite das verdes oliveiras...

Quero-te assim, cheia de riso e festa,
Co'a pequenina bocca côr de rosa,
Rubra bem como o sol dos dias quentes...

Quero-te mais: a carne branca e fresca;
Exposta ás minhas vistas alongadas
Pelo teu dorso branco de rainha...

Que as duas conchas de tuas mãos de neve
Recebam, de meu pranto, as rubras gottas,
Uma a úma cahidas dos meus olhos...

Que meu pranto corrido dia e noite,
Forme um collar de perolas vermelhas
Para o teu collo que é de neve e sol...

Quero-te alegre como a verde matta,
Quando desperta cheia de harmonias,
E embalsamada de rebentos novos...

Como o oceano quero essa cabeça
Empinada e serena... sempre loira
Como as baixellas dos festins pagãos...

Como o céo, quando dorme, tambem quero
Ver-te dormindo, placida e tranquilla,
Com a calma dos lagos socegados...

Quero o vinho de Cós dos labios rubros
Como duas cerejas escaldadas
De fogo e sol, em verde galho, presas...

E a languideza de teus braços mornos
Quero sentir, nos meus, dilacerados,
Como o tronco que o raio lasca e tomba

No seio aberto da floresta virgem...
Que repousou tranquilla e socegada
Mas, que acordou cheia de horror e medo...

O azeite verde de teus olhos verdes
Unge-me os olhos tristes e cansados
Como dois peregrinos sem destino...

Mas, se, este azeite me faltar um dia,
Sei que perdido ficarei nas trevas
Densas da noite negra que me cerca...

Põe teu clarão por sobre estas gangrenas
Roxas, que me consomem lentamente...
Escorre o verde azeite de teus olhos

Sobre os meus olhos, para o meu socego...
Põe rosas onde houver duros espinhos,
E aonde houver penuria, põe allivio...

Sê como o Sol que aos charcos abençôa,
E beija o azul circumferido em luz...
Sê restos de saudade e de alegria...

Como as candeias dos altares novos
Quando o incenso das rosas as perfuma
Tambem te quero minha estrella vesper...

Como os novos missaes, de loiras folhas,
Quero-te assim, esplendorosa e bella,
Para os meus olhos de calôr vasios...

Surge de novo, pois, festivamente,
Como floresta nova e perfumada,
Quando pompêia á voz dos passarinhos...

Como agua fresca de sombrio valle,
Apparece a meus olhos requeimados...
A' bocca a sêde amára refrigera...

Quero-te, antes de tudo, altiva e bella...
A coma denastrada... o busto altivo
Como columna de sagrado templo...

A' SYLVIA

Amo-te mais, muito mais, do que me amas!...
Amo-te no céo manso de luar...
Amo-te na luz clara das estrellas...
— Na voz do mar...

Amo-te na mudez das cousas mudas,
No rugido das ondas revoltadas!
Amo-te do mesmo modo que te amo
— Nas noites estrelladas...

Amo-te no perfume d'agua mansa,
No fructo que não tarda a ser colhido...
Amo-te como se ama em tronco velho
— O ramo reflorido...

Amo-te no luzir dos céos tranquillos,
Na pecunia pedida que se dá!...
Porque no enlevo de viver te amando
— Meu coração não morrerá...

Amo-te, pois, assim, bella e divina,
Nessa tua belleza singular...
Na brandura do céo tranquillo e manso
— Na revolta do mar...

RETRATO:

Repara dahi: preciso
Para fazer-lhe a figura,
Sahir-me da terra escura...
— Quero, do archanjo, o sorriso

Da Virgem, quero a leveza,
E a mansidão quero ainda.
Para quem já é tão linda
Quero a mais ampla belleza...

Da branca neve que veste,
O corpo de Nova-Eleita;
Minha penna, aqui, lhe deita:
— A vestidura celeste...

Sandalias de prata, agora,
Põe-lhe, nos pés com cuidado...
Deixa o resto ao vil creado
Desta Rainha e Senhora...

NO CEO

Aqui é o reino encantado,
Reino de luzes e de ouro,
Vê, dos astros, o thezouro,
Por todo o céo dispersado...

Altas montanhas de prata,
Cordilheiras de diamantes;
Picos de sóes faiscantes,
Estrellas em catarata...

Espiraes brancas de incenso,
Nardo, myrrha, ouro, perfume...
Contempla do fogo o lume
Que vae pelo céo immenso...

Mesmo assim sendo encantado,
Este extranho paraiso
Não vale, della, o sorriso
Manso, de lago estrellado...

Entremos agora: á frente
Vê os tóros incendiados;
Dos candelabros dourados
A luz escorre dormente...

Por entre gazes e cassas
As virgens dormem, tranquillas,
Trazem sonhos nas pupillas...
E mantos d'alvas fumaças...

Olhos, parae-vos attentos
Defronte de cada throno...
Quantas se entregam ao somno,
Da luz, aos loiros rebentos...

Esta dorme, aquella dorme.
Em leitos de rosa e neve,
Todas respiram de leve,
Sem rumor na sala enorme...

Dois anjos velam á entrada
Da vastissima região...
Perto vela um esquadrão
De astros, em guarda avançada...

Velam, della, o loiro sonho,
E o somno velam tambem,
Na vasta Jerusalém...
Longe do Mundo medonho...

Bem; traze agora com geito
As tintas que tens, ao lado,
Para que eu possa inspirado
Fazer-lhe um quadro perfeito...

Vê para o collo de neve
A tinta mais apurada;
Mais alva que a madrugada
Immaculada é que deve...

Tem, como tem a grinalda
Do Sol vermelho de Outubro;
— As tintas: no labio rubro;
A luz: no olhar de esmeralda...

Os braços são dois rosaes,
Floridos annos inteiros:
Têm a côr dos jasmineiros
E dos brancos laranjaes.

O branco seio tranquillo
Como um valle fecundado
Parece que foi lavado
Nas aguas claras do Nilo.

As formosuras do céo
As luzes maravilhosas,
Os leitos feitos de rosas
Mais alvas que um branco véo;

Os sóes, os astros fecundos,
As estrellas pequeninas,
As fontes d'aguas divinas,
E caravanas de mundos;

Tudo; os glaucos diademas.
Os rubros sóes de Verão,
O azul do céo onde estão
Gravados grandes poemas;

Tudo aqui do céo profundo
Que gira nos eixos de ouro;
Não vale o grande thezouro
Que ella traz, d'alma no fundo...

Sahirmos, urge, portanto.
Deste céo para a procura
D'outro céo vêr-lhe a figura
Formada de todo o encanto...

NA TERRA

Passa agora de mansinho,
As portas de azul e neve...
Passa de manso, de leve...
Retoma o esquerdo caminho...

Da terra ingressa a planura...
Vê como tudo é mesquinho!
Que saudade do caminho
Deixado lá pela altura...

Aqui na terra ella é rosa,
E fonte d'agua sagrada;
E' fructa, cedo orvalhada,
Fresca, madura e cheirosa...

E' vinho e pão, que mitigam
A fome e a sêde malditas;
Das jornadas infinitas...
Que quasi sempre fatigam...

E' a agua mansa que corre...
Oleo santo de que a gente
Inunda a fronte doente,
De quem agonisa e morre...

Busca o conjuncto que enfeita
Esta folha descorada,
Terás da mulher amada
Uma figura perfeita...

ULTIMA PAGINA

Has de chorar, relendo, em noite escura
A derradeira pagina que animo
Para os teus olhos de verdoso limo...
Que, dorme, d'agua mansa, na fundura...

Vê, Senhora, que fui de cimo em cimo,
Procurando o refugio de ampla altura...
Subi de sonho em sonho... e, de seccura
Rojei-me ao chão sem agua e sem arrimo...

E' a derradeira pagina que abriga
Meu coração cheio de areia e lava,
Cheio de tedio e morto de fadiga;

Que, elle descance desta folha, ao fundo,
Esquecido de quando caminhava
Pela estrada mais negra deste Mundo...

◎

Ce livre, écrit pour vous, sous votre nom vivra.

Alfredo de Vigny

INDICE

PAGS.